

# País pedirá novo crédito em julho, diz banqueiro

LONDRES — Os termos do novo empréstimo acertado, em princípio, para o Brasil esta semana, em Washington, estão sendo considerados na City bem mais favoráveis do que os anteriores. O prazo para os US\$ 11 bilhões é maior — nove anos de maturação — e o “spread”, embora ainda um dos mais altos pagos até hoje, é inferior aos anteriores: 2% ao invés de 2 1/8. A comissão dos bancos também cairá de 1 1/2 para 1%. Não se trata de uma economia mais significativa; porém, de uma atitude psicológica construtiva em relação ao Brasil por parte dos bancos, fato importante neste momento.

No entanto, há ainda muita cautela em relação aos resultados finais do empréstimo, que não deverão ser tão fáceis como se pretende apresentar. “Afim! — ponderou um banqueiro londrino —, esse é o maior ‘jumbo’ do qual a City participa (US\$ 6,5 bilhões) de que temos lembrança. Há ainda muitos bancos relutantes, inclusive alguns ingleses, em conceder ao Brasil novos empréstimos.” No final, acrescentou o mesmo banquei-

ro, “o empréstimo sairá simplesmente porque tem de sair, mas não será fácil”. O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastores, está sendo aguardado no próximo dia 17, em Londres, para apressar as operações.

## É POUCO

Alguns banqueiros brasileiros não escondem o descontentamento com seus colegas europeus. O Brasil começou pedindo US\$ 10 bilhões, reduziu para 9, o FMI propôs 7 e os bancos, ao que se informa, pretendem conceder apenas 6,5 (fala-se até em US\$ 6 bilhões). No fundo, comenta um banqueiro brasileiro, eles sabem que vamos ficar apertados, como em outubro do ano passado, e qualquer imprevisto, qualquer elevação das taxas de juros ou queda de preços dos produtos exportados vão obrigar o Brasil a voltar ao mercado em meados do ano que vem. Parece que os banqueiros estrangeiros querem manter o Brasil na corda bamba. Isso é ruim para todos, acrescenta, pedindo para não ser identificado.

## A DÍVIDA DO JURO

Por seu lado, alguns banqueiros europeus não escondem que somente concederão o novo empréstimo porque não têm outra saída e o fazem com extrema má vontade e preocupação. Essa a razão da filosofia de só dar o mínimo indispensável, o estritamente necessário, condenada veementemente, esta semana, por Carlos Langoni no Seminário sobre Dívida Externa realizado em Londres. “O que pode acontecer, acrescenta o mesmo banqueiro brasileiro, é que os bancos terão de nos ver de novo aqui, em julho, quando o acordo foi feito, em princípio, por um ano.”

No fundo, a comunidade financeira da Europa continua cautelosa e dura, não escondendo adjetivos pouco simpáticos, para não dizer malcriados. Eles não escondem o fato de que “o Brasil é, hoje, um país que não está apenas preocupado com o pagamento do juro da dívida, mas, agora, com a crescente dívida do juro”.